

Consórcios expandem seus nichos

Recorde de 6,18 mi de participantes faz com que entrem no ramo de cirurgias plásticas, festas e cursos

ÉRICO FABRES

Aproveitando um ano atípico no comércio, com Copa do Mundo e diversos feriados durante a semana, os consórcios chegaram na marca histórica de 6,18 milhões de participantes ativos em dezembro do ano passado, no Brasil. Com isso abriu-se o mercado para novos nichos, que agora, além dos tradicionais carros, motos e casas/apos, também incluem viagens, eventos, cursos, festas e até cirurgias plásticas. Não há dados específicos sobre a Paraíba, de acordo com a Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (ABAC).

Com crescimento de 7,7% nos consorciados ativos em relação a 2013, o equivalente a 5,74 milhões, e ainda ao registrar 6,4% de retração entre as 2,35 milhões de adesões de 2014 e as 2,51 milhões de 2013, os consórcios apontaram alta significativa também nas contemplações, subindo 7,9%, e saltando de 1,26 milhão no ano retrasado para 1,36 milhão em 2014, em virtude do volume.

De acordo com Paulo Roberto Rossi, presidente executivo da ABAC, "a desaceleração dos negócios de 2014

esteve presente em todos os mercados, não sendo diferente no nosso segmento. Os principais fatores foram a instabilidade econômica, maior endividamento da população, inflação em alta que corroeu o poder de compra, redução das disponibilidades e do consumo. Contudo, com agilidade e criatividade, as administradoras foram adequando suas estratégias e obtiveram sucesso com crescimento dos participantes e das contemplações, mesmo

Prêmios

Consórcios apontam alta significativa também nas contemplações, subindo 7,9%

com menor número de vendas de novas cotas".

Rossi diz que novos nichos também poderão ser prospectados, inclusive com a criação de novos pontos de venda. Com ênfase na educação financeira, as administradoras e a entidade abordarão a relevância da informação e do planejamento na aquisição de bens ou serviços, com destaque para o binômio necessidade versus possibilidade, com vistas a assegurar equilíbrio no orçamento pessoal e mi-

nimizar os riscos de superendividamento.

Novos nichos

Estudo realizado recentemente pela SPC Brasil - Serviço de Proteção ao Crédito, que entrevistou mais de 600 pessoas, maiores de 18 anos, em todas as capitais estaduais, apontou que os três maiores desejos de consumo eram viajar para o exterior ou pelo país (30%), adquirir um automóvel (9%) e fazer uma cirurgia plástica (7%). Todos os mercados já estão sendo explorados, ainda que na Paraíba o ramo de procedimentos ainda esteja em fase inicial.

Para o economista Rafael Bernardino de Sousa, o consórcio pode se traduzir em uma poupança forçada, com um custo mais baixo que dos financiamentos, ainda que inclua taxas de administração de 10% e fundo de reserva. "Para quem não tem necessidade urgente do produto ou serviço, é um bom investimento, depois da previdência privada e da poupança, porém é preciso cuidar com a empolgação que pode passar e aí de repente a pessoa quer parar de pagar e não poder ou ter prejuízos ao tentar negociar sua cota", revela.



Paulo Roberto Rossi, presidente executivo da ABAC aposta na variedade dos planos

Contrato com chancela do BC

Um contrato de adesão é firmado com a administradora, que deve possuir registro no Banco Central para operar normalmente neste tipo de sistema. A partir de então, a pessoa irá entrar em um grupo já formado ou em formação de interessados no mesmo bem que ele. O ingresso implica na aquisição de uma

cota, que enquanto seu lance não for aceito ou a cota sorteada, o indivíduo pagará mensalidades à empresa para continuar a ter direitos no consórcio.

A contemplação por lance ocorre somente após o sorteio que, se não realizado por eventual falta de recursos, passa à modalidade de 'leilão'.

O primeiro consórcio no Brasil foi registrado por volta de 1952, para a aquisição de veículos, constituído por funcionários do Banco do Brasil. Acompanhando o crescimento da indústria automobilística, ele ainda se constitui até hoje com a forma mais conhecida deste sistema.

Bom negócio para autônomos

Para a pessoa autônoma, que dificilmente consegue um financiamento, Sousa considera o consórcio uma boa opção, principalmente para quem precisa de um veículo ou moto para trabalhar. "Não há como comparar o que é mais vantajoso no que tange à praticidade, porém tem que ser verificada a disponibilidade. Em uma pessoa já sai di-

rigindo, na outra tem que esperar sorteio ou dar um lance", conta.

O economista recomenda que, para fechar um negócio, o consumidor pesquise antes sobre a empresa para então fechar negócio. Ele diz ainda que para quem deseja uma viagem ou uma cirurgia, não é recomendado um consórcio, mas sim para bens de consumo. "Quem quer uma cirur-

gia plástica tem dinheiro para negociá-la e não precisa comprar uma cota, a não ser que seja algo corretivo, mas normalmente ela é estética. Já quanto a viagens, o mercado pode mudar no caso do exterior, estar sujeito às variações do valor do dólar, a pessoa pode querer mudar o roteiro, então é melhor guardar dinheiro e ir para onde quiser quando puder", explica.

Veículos têm maior recuperação

O setor de veículos automotores, incluindo leves, pesados e motocicletas, teve um crescimento no total de participantes ativos, assim como no acumulado de contemplações, apesar das novas cotas terem diminuído. O volume de

contratos comercializados somou mais de R\$ 58 bilhões, enquanto os créditos disponibilizados foram de R\$ 31 bilhões.

Grande parte disso se deve ao fato de muitas pessoas tomarem o consórcio como uma forma de garantir o futuro dos

filhos, como começar cedo um consórcio para que os filhos, quando completarem seus 18 anos, tirem seu carro ou moto, por exemplo, diz o economista. As motocicletas apresentaram uma alta de 6%, a segunda maior do setor depois dos carros.

Sem dinheiro e juros elevados

O mecânico Jociano Liberato, 37 anos, de Mamanguape, por não ter condições de comprar à vista e por trabalhar como autônomo irá investir em um financiamento para comprar seu carro, em um valor de R\$ 37 mil. "Nem todo mundo tem dinheiro para comprar à vista ou para entrar num financiamento, então resolvi comprar minha cota e o dinheiro que poderia usar para dar de entrada, vou usar para dar um lance de R\$ 8 mil a R\$ 10 mil, com o dinheiro da venda do meu usado", conta.

Para o vendedor Charles Wenceslau, há seis anos trabalhando no ramo de consórcio de veículos, hoje em dia o carro ou a moto são necessidades de uma família e principalmente profissional. "O financiamento tem um juros absurdo, já o financiamento existe um preço justo, com parcelas que vão de 60 a 72 vezes, o que possibilita hoje em dia até o pessoal da construção civil comprar suas cotas", revela.

Wenceslau conta ainda que o sorteio é sempre prioridade, mas que nos lances já houve contemplado que tirou um carro

com R\$ 2,5 mil, enquanto outro deu de R\$ 15 mil e não conseguiram o veículo na investida. "Existem três grupos, o normal com 120 pessoas, o leve com 240 e o mais leve com 432, as premiações vão ocorrendo de acordo com o dinheiro em caixa, por isso essa variação nos lances contemplados", diz.

Os cuidados

De acordo com a gerente do departamento jurídico da ABAC Elaine da Silva Gomes, o consumidor, antes de qualquer coisa deve pesquisar a idoneidade de administradora de consórcio junto ao Banco Central, se ela está registrada. "Se ela estiver registrada, o negócio pode ser feito, não se pode é acreditar apenas em acordos verbais, tudo tem que estar no contrato, que deve ser lido sempre com atenção já que são negociações de longa duração e o rompimento dele pode ocasionar medidas prejudiciais ao consumidor e, por vezes, às empresas ou grupos de cotistas", conta.

Ela diz que não há problema em adquirir co-

tas contempladas ou não contempladas de terceiros, desde que o negócio seja fechado na sede da administradora. "Uma negociação entre pessoas é uma relação civil, não envolve direitos do consumidor, já quando envolve a empresa sim, por isso a importância de envolver a empresa na negociação, até para que o próprio consumidor não seja prejudicado, isso que deve ser observado, não importa se está em um site, classificados de jornais, onde for", explica.

Negócios e empregos

No período de janeiro a junho de 2014, os tributos e contribuições gerados pelas administradoras de consórcios chegaram aos R\$ 874 milhões, 19,2% a mais que os R\$ 733 milhões de 2013, de acordo com o Banco Central.

Já a ABAC afirma que mais de 10 mil empregos diretos e indiretos foram gerados. Em 2014, mais de R\$ 95 milhões do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) foram utilizados por 3,5 mil trabalhadores nos consórcios de imóveis, entre janeiro e dezembro.